

Por mim, por você e pelas mulheres

Brenda Santiago Gomes da Silva

Instituto de Educação Ciência e Tecnologia do Piauí – IFPI

Avenida Pedro Freitas, Nº 1020 Bairro Vermelha

CEP 64018-000

Orientadora: Prof. Ms. Valdenia Pinto de Sampaio Araújo

“Querido filho, quando ler esta carta já não estarei mais com você, infelizmente o câncer nos separou. Lembro-me de quando você nasceu bem pequenininho com apenas alguns centímetros e não parava de chorar. Lembro estar emocionada quando o segurei em meus braços pela primeira vez da mesma forma como estou agora, pois foi o maior presente que já recebi.

Muitas vezes você me perguntava onde estava seu pai; eu, por vezes, respondia que estava trabalhando e que chegava muito tarde e saía muito cedo, outra vezes dizia que estava viajando e que demoraria voltar, por fim disse que ele havia morrido para que você se conformasse com sua ausência. Não sei se realmente acreditou em tais mentiras mas, se acreditou, vou lhe expor nessa carta a verdade, peço-lhe que não me julgue injustamente sem antes saber o porquê dessa mentira, mas, se fiz isso, foi por que tive minhas razões e peço que procure compreendê-las.

Agora relatarei a você uma parte de minha vida que guardei apenas para mim durante muito tempo, mas que agora decidi falar a você, pois esse é um direito seu e não posso privá-lo de saber a verdadeira história entre seu pai e eu, que também diz respeito quem você é.

Nos conhecemos durante o ensino médio, fazíamos o 3ºano; no início, Carlos era tudo que uma garota queria: divertido, carinhoso e popular. Um ano depois nos casamos, éramos jovens e inexperientes, seu pai trabalhava em uma microempresa da família dele, eu ficava em casa fazendo os afazeres domésticos, pois ele não me deixava trabalhar, afirmava que lugar de mulher é cuidando da casa, às vezes dizia a ele que seria bom aumentar a renda, fugir da rotina, mas ele começava a gritar, meu pai também dizia que a boa esposa de verdade se dedica apenas para a casa e o marido. A tão propagada teoria que a única função da mulher, é ser a bondosa esposa que cuida do lar, filhos e marido. Decidi que não tocaria mais no assunto. Alguns meses depois nosso relacionamento já não era mais o mesmo, Carlos chegava

tarde em casa e começou a beber mais do que quando nos conhecemos. Eu fazia de tudo para agradá-lo, sempre deixava a casa limpa, preparava o almoço da melhor maneira possível, satisfazia todos os seus desejos, porém nada tinha significado. Infelizmente, na sociedade machista que vivemos, as mulheres têm apenas obrigações e não desejos. É descartada a possibilidade de ter autonomia, mudar seu destino ou realizar-se profissionalmente. E, para piorar, essa é a realidade que muitas acreditam. Digo isso por que um dia também acreditei ingenuamente que era o correto a fazer.

Certa vez, perguntei por que estávamos sem dinheiro e porque todos os dias chegava em casa tão tarde, às vezes de madrugada; ele começou a gritar e me mandou calar a boca e disse que eu não era ninguém para questionar isso, mais uma vez tentei saber o porquê daquela situação quando, de repente, ele me jogou contra a parede e socou o meu rosto, me chamando de vagabunda e outros nomes horríveis. Logo em seguida, me bateu ainda mais até que, sem forças, caí no chão e ele começou a me chutar. Impotente, a única coisa que pude fazer foi gritar para ele parar, mas ele afirmava que era um homem e que podia me bater, até que, por fim, ele saiu. Fiquei pensando em como é comum a desvalorização que a mulher é submetida em relação ao homem. Desvalorização esta, sutilmente imposta pela sociedade nos pequenos e até, imperceptíveis, atos cotidianos como o fato do homem sempre pagar a conta do restaurante ou fato de que menina deve brincar de boneca e o menino de carrinho como uma imposição.

Naquele instante me senti horrorizada e percebi o que era ser o tal 'sexo frágil.'. Estava sobre o chão caída, vulnerável, em prantos, sem saber o que fazer ou pensar. Essa parte da minha vida que há muito tentei esquecer, continua viva nos meus olhos até hoje. Sob o reflexo da janela de vidro, vi meu rosto de uma forma que nunca imaginei, com as marcas da brutalidade. Este momento da minha vida, que ainda é tão recorrente, não desejo a mulher alguma, pois é injustificável o fato de uma mulher ser agredida por não satisfazer as 'vontades' do seu marido.

Naquele momento, diante daquela situação, de tudo que havia passado, decidi mudar o curso de minha história e fui à delegacia mais próxima registrar uma ocorrência contra seu pai. Não pense que foi a decisão mais fácil que tomei, me doeu muito fazer aquilo, ainda mais porque há alguns dias havia descoberto que estava grávida de você e, nesse momento, percebi que se continuasse com ele sua vida estaria em risco. Não me importei com os comentários que ouviria ou os preconceitos que enfrentaria. Saí de casa naquela mesma noite quando ele

não estava e, através da delegacia, fui levada a um abrigo destinado a mulheres em situação de violência doméstica. No outro dia, ainda estava assustada, e me perguntava se minha decisão havia sido realmente correta, como uma mulher grávida, sem marido e sem emprego, sustentaria uma criança e lhe proporcionaria boas condições de vida?

Decidi procurar um emprego. Mesmo aos 22 anos, ainda era jovem e tinha muito que viver. Naquele dia, não consegui nada, mas uma semana depois encontrei uma oportunidade de trabalho e me dediquei ao máximo. Não foi fácil, quando você nasceu, tive que parar, porém pude desfrutar dos melhores momentos que já tive, estava com você em segurança em uma casa só nossa, embora fosse cedida pelo Governo por um programa destinado a mulheres em situação de vulnerabilidade social e de baixa renda. Um ano depois ingressei na universidade, concluí curso e passei em um concurso de apenas meio expediente. Nesse período, fiquei sabendo que seu pai havia sido preso por agredir mais uma mulher. Ele nunca soube da minha gravidez e achei melhor assim, pois posso dizer que, apesar do que passamos, nunca precisei voltar e pedir nada para ele.

Meu filho, se cuidei de você de um modo diferente dos seus colegas, ensinando a ser independente, a lavar, cozinhar, passar, foi porque acho que essas pequenas coisas podem mudar grandes fatos. Sou orgulhosa de ser sua mãe e do filho que você se tornou, pois ao longo desses 28 anos, você mostrou ser um homem independente que valoriza e não desrespeita uma mulher, que age de forma igualitária não distinguindo gênero ou cor.

Na sociedade em que estamos inseridas ainda há distinção entre os sexos mas, nós não somos o 'sexo frágil'. Somos mulheres independentes com total capacidade de executar as mesmas tarefas do mesmo modo, ou melhor, que os homens. As gerações futuras precisam compreender que as mulheres não buscam serem superiores ou melhores que os homens, mas iguais em direitos e oportunidades. Por que a mulher deve ficar em casa cozinhando enquanto o homem vai trabalhar? E, se os dois trabalham, por que a mulher vai fazer os afazeres domésticos enquanto o homem fica no sofá vendo o jornal? Será que só as mulheres têm a responsabilidade de cuidar das crianças? A obrigação de uma mulher é de fato servir a um homem? Essas são apenas algumas das interrogações com as quais as mulheres se confrontam todos os dias. Às vezes me questiono o que teria acontecido se tivesse continuado com seu pai, se teria me formado e me realizado profissionalmente? Teria viajado tanto? Ou será que ainda estaria em casa apanhando todos os dias e fazendo o papel da nordestina estigmatizada? Será que teria você?

Sei que essa parte da minha vida que você não conhecia, pode parecer um tanto comum e até clichê. A mocinha que foge do vilão e vai construir sua própria história, ainda é muito comum, mais do que muitos imaginam. Quantas mulheres ainda têm medo do preconceito que irão enfrentar? De como vão prover o sustento de si e de seus filhos? E se elas realmente vão estar seguras longe de seus parceiros, já que não são cumpridas as leis e as medidas de proteção necessária para as vítimas. A mídia massificada propaga um ‘perfil feminino’, e sua ‘coisificação’, na qual a mulher têm por função ser objeto de prazer e sempre nos reduz apenas a sensualidade. Ignoram a mulher inteligente e capaz que tem dentro daquele corpo. Além de um corpo bonito, as mulheres tem personalidade.

Meu filho, morrerei antes de ver essa sociedade mudar, espero que outras mulheres se posicionem, mostrem seu potencial muito além da mulher feminina, doce e meiga, mas também a mulher forte e determinada que luta por seus interesses e objetivos. Espero que o mundo presencie homens que possuam discernimento e racionalidade, que respeitem e valorizem as mulheres em seus relacionamentos afetivos, fraternos, profissionais dentre outros. Que sejam parceiros e não rivais. Anseio que as diferenças salariais sejam extintas, valendo uma competitividade justa; quando esse conjunto de fatores acontecer, posso afirmar que nossa sociedade será bem melhor e mais humana.

Se você fizer sua parte, honrar os ensinamentos que lhe ofereci, aos poucos podemos mudar essa triste realidade. Desejo, também, que outras mulheres sejam corajosas o suficiente para mudarem seus caminhos e não deixarem o medo impedi-las de denunciar maus tratos. Espero que a sociedade compreenda quem somos. Somos mulheres e não objetos à mercê dos homens. Você é um homem diferente. Espero que continue assim e passe adiante esses valiosos conselhos. Não sei se de fato compreendeu o que se passou entre mim e seu pai, mas se fiz isso foi por entender que era o melhor para nós naquele momento. Se errei, desculpe-me, mas o fiz por acreditar que um dia alcançaremos a igualdade de direitos. Sua mãe ,
Esperança.”